



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DE ALTAMIRA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO

IZAILDE VIANA DE ALMEIDA

**MEMORIAL ACADÊMICO: PERCURSO DA MINHA VIDA ESTUDANTIL,
ACADÊMICA E PROFISSIONAL**

ALTAMIRA/PA

2021

IZAILDE VIANA DE ALMEIDA)

**MEMORIAL ACADÊMICO: PERCURSO DA MINHA VIDA ESTUDANTIL,
ACADÊMICA E PROFISSIONAL**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Faculdade de Educação do Campus Universitário de Altamira da Universidade Federal do Pará, para obtenção do certificado de especialista em Práticas Pedagógicas em Linguagem, Alfabetização e Letramento.

Orientado pelo Prof. Dr. Lindomal dos Santos Ferreira

ALTAMIRA PA

2021

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará
Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)

V614m Viana de Almeida, Izailde.
Memorial Acadêmico: percurso de minha vida estudantil acadêmica
e profissional / Izailde Viana de Almeida. — 2021.
31 f. : il. color.

Orientador(a): Prof. Dr. Lindomal dos Santos Ferreira
Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização) -
Universidade Federal do Pará, Campus Universitário de Altamira, ,
Altamira, 2021.

1. Alfabetização. I. Título.

CDD 370

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Biblioteca DA (UFPA)

IZAILDE VIANA DE ALMEIDA

MEMORIAL ACADÊMICO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à banca examinadora da Faculdade de Educação do Campus Universitário de Altamira da Universidade Federal do Pará, para obtenção do certificado de especialista em Práticas Pedagógicas em Linguagem, Alfabetização e Letramento.

Orientado pelo Prof. Dr. Lindomal dos Santos Ferreira

Banca examinadora:

Prof. Lindomal dos Santos Ferreira
(Orientador)

Professor (a): Luis Carlos Souza Bezerra

Professor (a): Raquel Lopes

AGRADECIMENTOS

Primeiramente agradeço a Deus, pelo dom da vida e por todas as vezes em que pensei em desistir ele me sustentou me dando forças para seguir em frente.

Aos meus professores, que fizeram parte desse processo educacional.

A minha família, que direto ou indiretamente torceram para que eu conquistasse meus objetivos.

Ao meu professor orientador, Lindomal dos Santos Ferreira que sempre me incentivou durante as orientações.

A Universidade Federal do Pará (UFPA), que me proporcionou a aquisição de muitos saberes.

Aos meus alunos, com os quais pude ensinar e aprender durante a experiência em sala de aula.

EPIGRAFE

A educação é a arma mais poderosa que você pode usar para
mudar o mundo.
Nelson Mandela

RESUMO

O presente trabalho, apresenta o relato do meu processo educacional com o objetivo de partilhar uma reflexão sobre os sentidos da experiência docente. Minha progressiva experiência profissional e da correspondente formação escolar desde meu processo alfabetizatório até a vida acadêmica, traz um sentido importante, tanto para minha realização como pessoa humana. Esse sentido é construído por estas duas dimensões: humana e profissional. A primeira reside no campo de significados que o registro das memórias pessoais e; a segunda, se traduz pela reflexão sobre o trabalho docente, o que se faz a partir do diálogo com a literatura acadêmica sobre processos de alfabetização e letramento. Neste sentido, o relato não se esgota na simples descrição dos fatos da vida, mas sobretudo do que podem representar para os que buscam se realizar como profissionais da educação que lidam com crianças em fase do aprendizado da leitura e da escrita, bem como do que podem, com elas realizar.

Palavras-chaves: Relato. Alfabetização. Letramento e Educação.

ABSTRACT

This work presents the account of my educational process with the aim of sharing a reflection on the meanings of the teaching experience. My progressive professional experience and the corresponding academic training, from my literacy process to academic life, brings an important meaning, both to my fulfillment as a human person. This sense is built by these two dimensions: human and professional. The first resides in the field of meanings that the recording of personal memories is; the second is reflected in the reflection on teaching work, which is done through a dialogue with academic literature on literacy and literacy processes. In this sense, the report is not exhausted in the simple description of the facts of life, but above all in what they can represent for those who seek to fulfill themselves as education professionals who deal with children in the phase of learning to read and write, as well as what can, with them perform.

Keywords: Report. Literacy. Literacy and Education.

SUMARIO

INTRODUÇÃO.....	10
QUEM SOU EU.....	10
DA ALFABETIZAÇÃO AO ENSINO MÉDIO.....	12
EXPERIÊNCIA COMO ALFABETIZADORA SEM FORMAÇÃO.....	18
O CURSO DE PEDAGOGIA.....	20
A ESPECIALIZAÇÃO.....	21
MINHA PRÁTICA PEDAGÓGICA ANTES E DEPOIS DA GRADUAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO.....	24
OS MÉTODOS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA EDUCAÇÃO.....	25
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	26
REFERÊNCIAS.....	28
ANEXOS.....	29

INTRODUÇÃO

Escrever sobre minha trajetória escolar, perpetua-me reviver o passado e refletir sobre as mudanças que ocorreram ao longo de todos esses anos. Para além das mudanças vivenciadas como pessoa, destaca-se minha trajetória profissional como docente e da qual este trabalho se ocupa, mais exatamente dos métodos utilizados para alfabetizar.

Ao decorrer de décadas, o conceito de alfabetização tem se modificado para satisfazer às necessidades de um contexto social que vem se modificando com os avanços da globalização. Nessa busca de aperfeiçoamento, muitos métodos e processos de alfabetização foram criados, modificados e adaptados para um melhor desenvolvimento do processo de ensino. Este memorial segue a base nesses conceitos, o qual apresenta, as interseções dessas mudanças na minha vida cotidiana como docente.

Essas lembranças me fazem refletir sobre mim mesma, as mudanças que ocorreram que eu julgava significativas, mas que agora nesse exercício de pensar a própria vida pessoal e profissional, me fazem olhar de maneira mais madura as mudanças e permanências, identificando possibilidades onde, por vezes só haviam incertezas.

Rememorar a minha jornada educacional, desde os anos de Alfabetização (Ensino Fundamental Anos Iniciais), Ensino Fundamental Anos Finais, Ensino Médio, Graduação e Pós-Graduação me possibilita ser grata por todos que contribuíram com minha formação e me orgulhar do que me tornei.

Com isso, atualmente entendo melhor que antes, que minhas escolhas em relação à docência e a minha vida acadêmica foram movidas pela vontade de ser diferente, de fazer diferente na área da alfabetização. Relatar sobre tudo isso, é somar mais conhecimento para minha vivência pessoal e profissional.

QUEM SOU EU?

Quando meus pais foram morar juntos, ambos já tinham outras famílias, minha mãe tinha duas filhas e meu pai nove em seus primeiros casamentos. Em 18 de novembro de 1988, nasce Izailde Viana de Almeida, na cidade de Altamira-PA, filha do casal que vivem juntos até hoje.

Em 1993, fomos para a vicinal km 140 norte, onde resido até os dias atuais. Lembro-me da picadinha (estrada) feita de foice e facão, pois a estrada feita por trator não chegava até nossa residência. Construída de *pau a pique*, piso de chão batido e telhado de palha, no meio de uma roça, cercada por mata primária. A 30 quilômetros da comunidade camponesa Vila Alvorada, no Município de Uruará, situado ao longo da Transamazônica, região com contexto histórico e cultural ligado às lutas por terras e direitos básicos, esta vila foi construída durante o processo de desbravamento da Transamazônica, por meio de reivindicações, tornando-se o ponto de apoio para os moradores das vicinais mais próximas.

Meu pai nunca foi um homem amoroso com a família, típico dos homens da época, talvez, devido ao modo como foi educado. Baiano, descendente de negros e índios, dono de uma ignorância inexplicável, passava muito tempo fora de casa. Dessa forma, fui criada com a presença e amor materno, trabalhando na roça, desde dos processos de limpeza, até a colheita das culturas.

Apesar de, toda ignorância do meu pai, minhas irmãs paternas relatam que fui privilegiada em relação aos estudos pois, na época delas, só iam à escola quando ele não estava em casa, pois agia como se a obrigação delas fosse ficar em casa e ajudar na roça.

Casei muito nova, pois a cultura familiar era namorar para casar. Graças à Deus, meu esposo tem a imagem completamente diferente do meu pai, uma pessoa que sempre prioriza a família. Hoje, professora, pedagoga, futura especialista, esposa, mãe de dois filhos, um de 13 (treze) anos e outro de 5 (cinco), procuro fazer diferente, priorizando o diálogo, o amor, para que eles não cresçam com o mesmo distanciamento e no meio dos vícios que vivenciei com meu pai.

Nesse sentido, apesar de todo sofrimento, agradeço à Deus pela pessoa que me tornei, não reproduzindo o que vivi na infância, claro que em casa, todos têm suas obrigações e regras a serem cumpridas, mas de forma que não venha prejudica-los, quanto em seus desejos e anseios. Essas vivências tornaram-se aprendizado para minha vida, tanto pessoal, quanto profissional, claro que algumas ficam marcadas com boas lembranças e me faz tornar melhor do que antes, e outras nos machucam, mas ao mesmo tempo nos alertam a não as reproduzir.

DA MINHA ALFABETIZAÇÃO AO ENSINO MÉDIO

Eu era uma menininha
de cabelo sarará,
Andava com os pés descalços
Para a sandália não quebrar.

Minha mãe em casa
Tentou me ensinar,
Mas achava muito difícil
Uma criança alfabetizar.

Minha madrinha por sua vez
Deu continuidade à minha alfabetização,
Para as crianças vizinhas
Ensinava a lição.

Um pouco atrasada
Na escola fui matriculada,
Aquele imagem do quadro na frente
e as cadeiras enfileiradas.

Nas subidas e descidas
Estudava o Be-a Bá,
Para no dia seguinte
a lição não gaguejar.

Certo ou errado,
Isso não posso dizer,
Para aquele momento,
Era a maneira eficaz, de ensinar e aprender...

(Izailde Viana de Almeida)

Lembro-me como se fosse hoje, minha irmã e eu, na nossa casinha esperando ansiosamente a chegada da nossa mãe que estava vindo a pé de uma vila mais próxima da nossa casa. Já era tardezinha quando ela chegou, a ansiedade era apenas pela presença, pois sabíamos que dificilmente trazia algo para nos agradar. Mas esse dia foi diferente, ela trouxe dois livros didáticos usados para nós, disse que ia nos ensinar a ler em casa. Devido a escola ser distante, nós ainda não a frequentávamos.

Eu com seis anos de idade e minha irmã nove, logo pegamos aqueles livros e começamos a folhear, nos encantando com as figuras ao decorrer das páginas. Minha mãe de vez em quando tentava nos ensinar alguma coisa, mas, para nós era tudo difícil, pois ela nos ensinava da forma que aprendeu o pouco que sabia.

Como a nossa comunidade ficava a aproximadamente uns seis quilômetros de distância da escola e em volta da estrada era tudo mata, não tinha como irmos para escola sozinhas. Para que não crescêssemos sem saber ler e escrever os pais se reuniram e fizeram umas mesinhas com bancos ao redor e minha madrinha passou a ensinar para as crianças mais próximas da comunidade.

Não esqueço da sua imagem nos ensinando, soletrando: C–A/CA, C–O/CO, C–U/CU e todos achavam graça quando era pronunciada a última sílaba e algumas vezes a imagem de alguns alunos levado no canto da sala de joelhos por ter desobedecido. Essa prática durou alguns meses até que no ano seguinte os pais viram que dava para formar um grupinho já bem maior para ir até a escola.

Tinha oito anos e a jornada começou. Levantar às seis horas da manhã, esperar aquele cafezinho feito no fogão a lenha, jogar milho para as galinhas, se arrumar e, pé na estrada, rumo a escola. Chegando perto da escola, no alto da ladeira avistei a casinha dos sonhos, uma escolinha no meio da ladeira.

Figura 1: Professora Valdenice e seus alunos.



Fonte: Gilmar Milansk.

Aproximando, aquela mulher alta, pele clara e pulso firme a nos receber, entramos e sentamos em fila e assim começou o meu processo oficial de alfabetização. Estudávamos com uma cartilha pequena (cartilha da BABÁ), a professora nos ensinava um pouco no

quadro negro, passava a lição de casa e tínhamos que *dar a lição* no dia seguinte, assim, quem conseguisse ler toda a lição sem “errar”, passava para a próxima lição.

Eu não era das mais inteligente da turma, mas me dedicava ao máximo para fazer o melhor, como não tinha muito tempo de estudar em casa, enquanto caminhava, estudava a cartilha: ba – be – bi – bo – bu - bão ... la – le – li – lo – lu – lã. E assim continuava até terminar de ler toda a cartilha, cada lição dada, era um sonho realizado.

Dessa forma fui alfabetizada, não posso afirmar se esse método era o correto, mas naquela época, para uma professora leiga ensinando em uma turma multisseriada, acredito ter sido o melhor meio para nos ensinar. De acordo com o que diz os estudos, semelhante ao método sintético, Mortatti esclarece que,

Para o ensino da leitura, utilizavam-se, nessa época, método de marcha sintética (da “parte” para o “todo”): da soletração (alfabético), partindo do nome das letras; fônico (partindo dos sons correspondentes às letras); e da silabação (emissão de sons), partindo das sílabas. Dever-se-ia, assim, iniciar o ensino da leitura com a apresentação das letras e seus nomes (método da soletração/alfabético), ou de seus sons (método fônico), ou das famílias silábicas (método da silabação) sempre de acordo com certa ordem crescente de dificuldade. [...]. (MORTATTI, 2000, p. 5)

Observa-se, que esse método de alfabetização partia da parte para o todo, primeiro ensinava as letras, depois as sílabas, em seguida as palavras e frases para, posteriormente, os textos e compreensões. Para a escrita, se priorizava a caligrafia para depois a ortografia, sempre enfatizando o desenho correto das letras.

Já a fala, pronunciava-se as palavras do modo que se ouvia em casa, exemplos: vassoura/baçora, colher/cuié, ensinando/acinando. E a professora como portadora do conhecimento sempre me corrigia: - “Não é baçora Izailde, é vassoura! - Não é acinando, é ensinando! As vezes ficava meio constrangida, mas, ao mesmo tempo achava bonito pela impressão de que a professora que sabia tudo.

No entanto, atualmente, esse ato de corrigir a forma com a qual os alunos pronunciavam, comum entre professores e outros, é tido como desvalorização da variedade linguística existente no país. Atualmente, muitos professores ainda não possuem conhecimento aprofundado sobre a variação linguística, e tratando-se de professores de décadas passadas ficava mais difícil ter essa visão do conhecimento sobre a forma de falar de cada criança, seu modo de vida, suas especificidades, e suas origens.

Deste modo, Cagliari, em seu livro “Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu, traz uma abordagem sobre a forma de falar de cada criança.

Rigorosamente falando, na alfabetização não é preciso ensinar ninguém a falar: nossos alunos já aprenderam isso quando tinha de um a três anos. São todos falantes nativos do português, cada qual usufruindo o dialeto da região em que nasceu e viveu e que é partilhado pelas pessoas com quem convive. Ensinar a norma culta também vai ser uma preocupação da escola, e deve começar desde a alfabetização. Porém, essa deverá ser uma atividade secundária, tecnicamente falando, com relação à aprendizagem da leitura e da escrita. Qualquer aluno pode alfabetizar-se perfeitamente sem precisar mudar o modo de falar de seu dialeto. (Cagliari, 1998, p. 105)

Assim, pode-se concluir que a maioria dos professores erram ao afirmar que a criança “fala errado” devido a sua cultura, e que deve corrigi-la em público, acreditando que seu papel é corrigir a pronúncia, pois está ali para ensinar o que é “certo” e corrigir o que for “errado”. Nesse sentido, o professor deve valorizar aquilo que seja prioritário à aprendizagem da criança, o dialeto falado pela criança não precisa ser esquecido quando passada a norma culta da escola. Para alfabetizar, não é preciso ensinar a norma culta primeiro, uma coisa, é completamente desvinculada da outra.

Ao final da 1ª série, já estava alfabetizada, minha mãe se mudou para a Vila Alvorada, para cuidar da minha avó. Chegando lá, em uma escola seriada foi tudo diferente, mas aos poucos fui me adaptando, cursei a 2ª e a 3ª série. Quando íamos para a cidade, ia andando segurando a mão de minha mãe, sempre atrás, sendo quase arrastada por ela, pois ia tentando ler tudo que via. Aqueles *outdoors* iam andando junto comigo, era um encanto.

Após dois anos estudando na vila, minha avó faleceu, com isso retornamos a zona rural. Voltei a estudar na mesma escolinha, com a mesma professora, que chegava todos os dias montada em uma jumentinha para nos ensinar.

Figura 2: Professora Valdenice e seus alunos década de 90.



Fonte: Gilmar Milansk.

Minha admiração por aquela professora é enorme, por sua coragem, determinação e persistência. Mesmo sem formação acadêmica alfabetizou dezenas de crianças. A falta de formação inicial e continuada ainda é uma realidade na grande maioria das escolas do campo no Brasil, muitos professores foram e são escolhidos pelas comunidades, geralmente por ter o mais alto grau de formação, seja o Ensino Fundamental ou Ensino Médio.

Eu sou um exemplo, mesmo com todos os medos e receios, como professora, encarei uma sala de aula, sem a formação mínima exigida. Após minha formação como pedagoga e com esse curso de especialização reconheço o quanto é importante a formação, e identifico minhas falhas ao longo da docência sem formação, o porquê de nossas dificuldades hoje na interpretação e compreensão de textos. Como erramos como educadores sem formação, devido a uma alfabetização tradicional, solta do contexto, sem preocupação com o desenvolvimento ensino-aprendizagem, a formação social e intelectual do aluno.

Essa prática de ensinar por ensinar, resulta em danos irreparáveis para a educação, as vezes pode até ser considerada a correta no momento, mas, amanhã o resultado dessa prática descontextualizada aparecerá, prejudicando de forma indiscutível os jovens e futuros profissionais. Ensinar tem que ir além do repasse de conhecimento ao aluno, é conhecer o meio em que vive e como vive cada um, para assim desenvolver metodologias que possam vir a atender as necessidades de cada sujeito.

Como vinha relatando, onde morávamos só tinha aula até a 4ª série, após terminar a 4ª série fui morar com minha tia na Vila Alvorada para fazer a 5ª série. Passei todo ano

com ela, experiência não muito boa, pois nunca tinha morado distante da minha mãe. No final de 2001, meus pais e eu fomos visitar os familiares em São Paulo, chegando lá numa cidadezinha do interior (Bariri) achava tudo diferente do que já tinha vivido, como eu tenho um problema sério de visão, minha irmã convenceu meu pai para que eu ficasse e fizesse um tratamento, pois lá os recursos eram melhores. Mas segundo eles, eu teria que ficar sem estudar até terminar o tratamento.

Mas isso não me convenceu, após meus pais viajarem, peguei 50 reais que me deram e fui na papelaria mais próxima, comprei os materiais e minha irmã teve que me matricular. Lembro-me até hoje, a Escola Modesto Masson, era enorme, dois andares, sala cheia e o professor de educação física dando aula. Cheguei meio perdida naquele local, mas aos poucos fui me adaptando aquela realidade. Conhecendo a minha história meus professores conseguiram uma consulta no Hospital de Olhos de Sorocaba, naquela época, o único que fazia transplante de córnea no Brasil. Passei com especialistas e entrei na fila de espera de transplante de córnea. Mas só em 2002 quando já estava de volta ao Pará que fui chamada, mas como não tínhamos condições financeiras e a comunicação era difícil, não foi possível viajar e fazer a cirurgia.

Chegando aqui em 2002, fui morar com uma professora para continuar meus estudos. Gaúcha alta, forte, casada e com dois filhos, um doce de pessoa, ali encontrei o seio de uma segunda mãe, com ela terminei o meu Ensino Fundamental. No ano seguinte, fui morar com outro casal, devido ela ter se separado do marido, mudou-se para a cidade.

Na escola eu nunca fui a mais inteligente da sala, mas também não era de tirar notas baixas, tanto que durante esses oito anos não reprovei em nenhuma disciplina, muito menos tirei nota vermelha, meu discurso sempre era “não posso reprovar de ano, pois será um ano perdido um ano de atraso”.

Em 2005, aos 16 anos iniciei o Ensino Médio, já noiva para casar. Em 21 de julho de 2005, me casei e continuei estudando, cursei o 1º e 2º ano, mas antes de terminar o Ensino Médio tive que parar de estudar e vir morar no lote. Naquela época as dificuldades financeiras eram grandes, esposo morando no lote e eu na vila pagando aluguel não dava certo. Tive que desistir devido à dificuldade de ficar só e o esposo trabalhar no lote, sem emprego, então decidimos que o melhor era parar de estudar. Ali meus estudos foram interrompidos, chorei quando tive que me mudar, mas era o único meio que tínhamos encontrados naquele momento.

Nisso, passaram-se 5 (cinco) anos, mãe do meu primeiro filho, só em 2012 iniciei o Centro Educacional do Pan Americano/CEPA, um Ensino Médio Técnico, feito apenas

em 18 (dezoito) meses, com aulas presenciais apenas nos sábados. Não foi muito fácil ter que se deslocar toda semana para a cidade, percorrer 70 (setenta) quilômetros utilizando como transporte uma motocicleta de marca *Pop* ou motocicleta *Biz*, ambas desconfortáveis para fazer um longo trajeto na Rodovia Transamazônica, com atoleiros no inverno e poeira no verão. Mas, naquele momento era o único meio de transporte e modalidade de ensino que encontrei para concluir o tão sonhado Ensino Médio, para futuramente ingressar no ensino superior.

Relembrar toda essa trajetória dos meus estudos, fico imaginando o quanto foi difícil para eu chegar até aqui. Aquela pessoa desorientada, com pouco apoio da família, pois quase nunca minha mãe estava por perto para dar apoio. Estudando aqui e acolá, morando com um e com outro. Não foi das experiências mais agradáveis que tive, mas, graças à Deus e à força de vontade de vencer, de conquistar os objetivos almejados. Concluo, que sou uma pessoa vitoriosa, mesmo com tantas dificuldades encontradas ao longo do caminho.

EXPERIÊNCIA COMO ALFABETIZADORA SEM FORMAÇÃO

Como vimos no tópico anterior, minha alfabetização foi um pouco conturbada. Estudava aqui e acolá, morava com um e com outro ... Família pobre, faltava aula para trabalhar na roça, enfim inúmeros fatores que poderiam ser diferentes no processo de alfabetização de uma criança, porém comigo perdurou até o Ensino Médio.

Na ausência de uma professora próxima a comunidade, meu esposo que tinha apenas o Ensino Médio começou a lecionar, logo em seguida conseguiu cursar uma graduação através do Programa de formação de professores/PAEFOR, como ele estudava algumas semanas em fevereiro e em agosto, eu o substituí nesse período.

Logo em seguida, o município adotou a *hora atividade* aos professores municipais, como meu esposo trabalhava 200 horas, acharam melhor eu trabalhar 100 horas em uma escola e ele 100 horas em outra. Assim, cada um ficaria com 130 horas mensais incluindo a hora-atividade.

A hora atividade instituída pela Lei federal Nº11738/2008 e, regulamentada pela Lei Nº449/2011 em 26 de dezembro de 2011, entrou em vigor em 1º de janeiro de 2012 no município de Uruará, o qual estabelece as modalidades (Educação infantil, Ensino Fundamental e Educação de jovens e adultos) (§1º do art. 1º) a hora atividade deve ser

adotada, bem como as atividades que nela são desenvolvidas. O tempo destinado a hora-atividade constitui 33,33% da carga horária do seu regime de trabalho, o que se fez consonância com a lei federal, e deverá ser estendida a servidores efetivos e contratados.

Art. 1º. É garantida a hora atividade, para o professor em exercício da docência, correspondente a 33,33% (trinta e três virgula trinta e três por cento) da carga horária do seu regime de trabalho, em consonância com a Lei nº 11.738/2008.

§ 1º. O professor no exercício da docência na Educação infantil, no Ensino Fundamental e na Educação de Jovens e Adultos (EJA) deverá ter jornada mínima semanal de 20 (vinte) horas, sendo 13 (treze) horas aulas e 07 (sete) horas atividades.

§ 2º. A jornada semanal de 40 (quarenta) horas será decomposta em 27 (vinte e sete) horas aulas e 13 (treze) de hora atividade.

§ 3º. A carga horária também será aplicada a professores contratados por período temporário (Câmara Municipal 2011).

Nesse sentido, a *hora atividade* veio como uma forma de ajudar os professores em seu planejamento escolar, estendendo também em outras atividades extras escolares. Foi nesse período com o aumento da carga horária que muitas pessoas sem formações começaram a lecionar, principalmente nas escolas do campo.

Claro, que eu sem magistério, era difícil trabalhar, dava um frio na barriga, com aquele medo de não conseguir. Na maioria das vezes, reproduzia tudo que tinha visto a anos atrás, errava mais do que acertava, mas na minha concepção, fazia sempre o melhor e, como diz Freire (2006, p. 23), “quem ensina aprende ao ensinar e quem aprende ensina ao aprender”. Dessa forma acontecia comigo e meus alunos, juntos íamos tentando fazer o melhor, de acordo com nossos conhecimentos e aprendizados.

Quando comecei a trabalhar, a escola era praticamente como descreve a música de Vinicius de Moraes, “Era uma escola muito engraçada, não tinha teto, não tinha nada...” Localizada a 5 (cinco) quilômetros da minha residência, uma casinha no meio de um pasto, com as janelas e portas danificadas, piso quebrado, o telhado dava para ver mais o céu do que as tabuinhas que faziam a cobertura, não tinha nenhuma mesa, apenas 1 (um) quadro negro e algumas carteiras na sala.

Uma turma multisseriada, com apenas 8 (oito) crianças no processo de alfabetização. Não posso dizer que foi fácil, mas também não era tão difícil, apesar de toda a precariedade da escola, a turma era muito boa de ensinar, crianças que realmente iam atrás de conhecimentos. Mas como eu não tinha nenhuma formação para atuar em sala de aula as dificuldades em relação ao ensino eram frequentes.

Quando me perguntavam se eu lecionava, eu não gostava de afirmar, porque não tinha nenhuma formação e sentia vergonha. Meu sonho mesmo era ser uma professora formada e não me envergonhar em não ter um Ensino Superior.

Após 2 (dois) anos atuando em sala de aula sem o ensino médio, consegui terminar através do CEPA. Agora restava-me esperar a tão sonhada graduação.

O CURSO DE PEDAGOGIA

Antes de entrar na turma de pedagogia a qual eu me formei, tinha me inscrito em uma turma para a cidade de Itaituba, porém, não consegui ingressar devido estar faltando as últimas notas do Ensino Médio que tinha acabado de fazer.

Após alguns meses, me inscrevi para uma turma que se formava para o município de Uruará. Não demorou muito para sair o resultado, e lá estava meu nome na lista dos aprovados, a alegria era contagiante.

Chegando na Escola Melvin Jones, 2 (duas) turmas de alunos com aulas no pátio da escola, aquele alvoroço todo e, a coordenadora tentando organizar os alunos e professores. Passei quase 2 (dois) dias perdida, o professor falava e eu não ouvia, não entendia quase nada do assunto muito menos de pedagogia, as vezes me dava vontade de desistir de tudo e não voltar mais para a sala, mas com o passar dos dias fui me adaptando.

Foram 5 (cinco) anos de muita luta, sofrimento, alegria e aprendizado. Um misto de sentimentos que só a pessoa vivendo para sentir. Professores que choraram e nos fizeram chorar, colegas de diferentes lugares, diferentes costumes e religiões, cada um com seu jeito diferente de ser. Ali eu aprendi muito, foi tanto aprendizado que jamais esquecerei. Os pilares de sustentação da prática pedagógica são exemplos do que aprendi. Aprender a conhecer, aprender a fazer, aprender a conviver e aprender a ser, conhecimentos que não devem ser utilizados apenas para a prática educacional, mas para a prática da vida. (MORIN, 2006). E assim, aprendendo a viver e a conviver passaram-se os anos até a chegada tão sonhada formatura, ali nós sabíamos que cada um seguiria seu destino, mas era o que cada um buscou durante anos, uma formação, formação essa de fundamental importância para o exercício da docência.

Eu, sendo a primeira da família a ter uma formação acadêmica. Meus pais cheios de orgulho em ver uma filha se formar. Ali estava o resultado de anos de luta, agora sim, sou uma professora graduada, trabalhando na área de formação, tudo que sempre sonhei

em ouvir de mim mesma. Porquanto, sabe-se que ser graduada, não é apenas um título adquirido, e sim uma bagagem de conhecimentos que qualquer educador leva para sua vida, tanto pessoal como profissional.

Mas como todos sabem, professor nunca sabe o suficiente, sempre tem que estar buscando novos conhecimentos, novas metodologias para estar inovando seu trabalho. Com isso surge a oportunidade de fazer uma especialização pela UFPA, pois o aperfeiçoamento das técnicas de alfabetização é imprescindível para um fazer docente mais eficiente.

A ESPECIALIZAÇÃO

No final de 2019, aparece a oportunidade de fazer um curso de Especialização em Práticas Pedagógicas em Linguagem, Alfabetização e Letramento pela mesma instituição que cursei graduação em Pedagogia, a Universidade Federal do Pará (UFPA).

As dificuldades como sempre apresentaram, não só para mim, mas, para a maioria dos professores que trabalham na rede pública municipal, claro que a principal dificuldade enfrentada pelos professores está relacionada ao financeiro. Sabe-se que o descaso com os professores é um problema sério que os mesmos enfrentam cotidianamente. Os professores da zona rural enfrentam problemas desde seu deslocamento até a hospedagem, devido as estradas intrafegáveis, falta de transportes, etc. Sem deixar de ressaltar que no período das férias todos os professores contratados são demitidos, ficando sem salário os meses de julho, janeiro, fevereiro e muitas vezes até março. Quando as aulas municipais iniciam e os professores estão em formação, tanto os professores contratados quanto os concursados tiram do seu dinheiro para pagar substitutos, devido a secretaria não arcar com nenhum gasto, para dar apoio a esses professores que estão em busca de formação continuada, que por sua vez tem um peso significativo na ação pedagógica exercida, como defende Nóvoa (1999), a formação docente é um processo interativo, por meio do qual se tornam um espaço de formação mútua que unindo a prática e as discussões teóricas, gera novos conhecimentos.

Nesse processo de interação com outros professores da área, com os profissionais que coordenam os cursos de formação, incluindo as discussões teóricas, que nós, professores da área de alfabetização adquirimos novos conhecimentos para colocar em

prática no nosso dia a dia, procurando de certa forma novas metodologias para melhorar nosso trabalho, e assim ter um resultado significativo na área de alfabetização.

Em janeiro de 2020, quando o curso em Altamira com uma turma de 50 (cinquenta) alunos oriundos de vários municípios vizinhos iniciou, não houve maiores problemas. Ali, eu não me sentia tão desorientada como na graduação. A expectativa era grande para o ano, estudando a primeira etapa da Especialização e logo pensando na próxima que seria em julho do mesmo ano.

O mês de janeiro foi de estudo, um pouco mais cansativo do que na graduação, mas em outro sentido se tornava mais fácil pelo conhecimento que já tínhamos. Ali, percebi que nunca sabemos o suficiente, que devemos estar sempre em busca de novos conhecimentos, o professor Luís Carlos, ministrando a disciplina de Estudos em Aquisição e Distúrbios da Linguagem e da Escrita, nos mostrou o quanto erramos como educadores em relação a linguagem da criança, uma compreensão muito importante para o alfabetizador.

Nessa primeira etapa da Pós-Graduação, vieram tantos conhecimentos, que parecíamos um jarro vazio, em relação a todos eles. As mudanças que ocorreram com os conceitos de alfabetização e a importância que todos esses conceitos tiveram nesse processo.

Esses conceitos mudaram completamente minha forma de pensar e agir, e quando a gente pensa que ter uma graduação é o suficiente para quem foi alfabetizada com uma professora leiga e iniciou sua atividade sem nenhuma formação, a especialização, veio nos mostrar que o professor deve estar sempre em busca de novos conhecimentos, para assim conseguir desenvolver um trabalho mais eficiente e diferenciado. Uma dessas aprendizagens que ficou marcada na pós graduação é essa relação entre alfabetização e letramento, de acordo com Soares (2001) “Alfabetizar e letrar são duas coisas distintas, mas inseparáveis do contrário: o ideal seria alfabetizar letrando, ou seja, ensinar a ler e escrever no contexto das práticas sociais da leitura e da escrita, de modo que o indivíduo se tornasse ao mesmo tempo alfabetizado e letrado.” Nesse sentido, o professor deve realizar um trabalho social com a intenção de desenvolver atividades pedagógicas que valorizam a vivência do aluno, tendo sensibilização para melhor ajudar o educando no processo de alfabetização e letramento.

Discorrer sobre concepções adequadas de aprendizagem, é algo muito peculiar, pois trata-se de várias, e todas possuem, um modo muito característico, ou até mesmo particular, de apropriar-se do desenvolvimento da aprendizagem como um processo

único. Essas diferentes concepções, refletem práticas, ações e condutas, tanto na escola como fora dela, mas sempre visando o aluno como um ser cognoscente no processo educacional.

Ao observar não só a minha trajetória de alfabetização, mas também, como alfabetizadora, percebe-se que a educação sofre transformações o tempo todo, tanto o alfabetizador bem como o aluno no processo de aprendizagem, ambos são submetidos a diferentes olhares e práticas pedagógicas que devem ser refletidas constantemente.

Fazendo uma retrospectiva nas formas de alfabetizar, identifica-se diferentes concepções de alfabetização desenvolvidas ao longo dos anos, sem saber realmente qual é a certa ou a errada, pois é na prática desenvolvida a cada dia que acontece a alfabetização e letramento que tanto buscamos. E nessa busca por melhorias, que fazemos uso de cada uma dessas concepções sem mesmo perceber qual à praticamos. Assim nos diz Freire (1996, p. 43): “É pensando criticamente a prática de hoje ou de ontem que se pode melhorar a próxima prática”.

Em 2020, após retornarmos para casa, cheios de expectativas para o ano, o vírus da Pandemia Covid 19 chegou ao Brasil gerando impacto na educação escolar. O planejamento de todo mundo mudou completamente, saúde, educação, trabalho, família, tudo mudou de rotina, uma incerteza sem fim.

Com a pandemia do Corona Vírus, os professores tiveram que se reinventar, criar, adaptar à nova realidade, realidade essa muito difícil de aceitar, levaram alguns meses para se organizar a nova realidade.

Ao final de 2020, o coordenador do curso de Especialização fez a primeira reunião através de aplicativo de conversação remota. Chegando a decisão de continuarmos estudando, de forma remota no próximo ano. Em janeiro de 2021 realizamos a segunda etapa do curso durante todo o mês, e nessa expectativa continuamos as aulas e orientações via internet.

Com todas essas mudanças e adaptações, concluir a pós graduação com vida e saúde é algo almejado por todos, mesmo abalados com perdas de entes queridos, agradecer a Deus pelo dom da vida, hoje está sendo uma das maiores dádivas.

Sabe-se que desenvolver um trabalho pedagógico exige muito do professor, que por sua vez, deve sempre estar em busca de novos conhecimentos e formações, experiência essa que vi e vivi essa diferença no decorrer da minha graduação e pós graduação.

MINHA PRÁTICA PEDAGÓGICA ANTES E DEPOIS DA GRADUAÇÃO E ESPECIALIZAÇÃO

Como foi descrito no decorrer do texto, minha alfabetização foi voltada para o método tradicional, com uma professora sem formação para o ensino da docência, ao iniciar meu trabalho como educadora, também não possuía formação para o exercício em sala de aula, porém a prática pedagógica não era diferente de como fui alfabetizada, partindo da parte para o todo, ensinando as letras, sílabas, palavras e textos, era decorar cada parte. Não observava o contexto social do aluno, os problemas familiares, não me interessava, a escola era somente para ensinar ler, escrever, contar e resolver as quatro operações fundamentais. Organização de sala de aula era perda de tempo, ambiente escolar era apenas mesa, cadeira e quadro.

Com o início da graduação aos poucos fui percebendo o quanto a minha prática pedagógica estava fora do contexto de alfabetização, fazendo com que essa prática fosse se adequando aos novos conhecimentos adquiridos, percebendo que alfabetizar ia além de ensinar a ler e escrever, estava na observação do contexto que o aluno está inserido, nas formas de agir que cada um apresentava tanto em sala de aula, como fora dela.

Com o término do curso de graduação, fazendo uma retrospectiva de minhas ações, percebo, o quanto foi importante para mim, uma formação, o quanto mudei, como minhas ações melhoraram. Quanto a especialização, veio aprimorar mais esse conhecimento e minha prática pedagógica na área da alfabetização.

Sabe-se, que para educar é preciso que o professor esteja preparado para os desafios do dia a dia, e um desses desafios é atenção que deve ser mantido para cada indivíduo, cada educando precisa de atenção diferenciada em seu processo de aprendizagem, pois assim conseguimos identificar sua evolução, ou algumas dificuldades que vão surgindo no decorrer desse processo.

Conhecimento esse que a UFPA (Universidade Federal do Pará) me proporcionou oferecendo os melhores professores para estar nos capacitando para a área da docência. Universidade a qual tenho muito orgulho de fazer parte do meu desenvolvimento educacional e profissional. Porque através dessas formações posso afirmar que a minha prática pedagógica hoje é bem diferente de quando iniciei minha prática docente, atualmente o trabalho que realizo em minha comunidade é diferenciado, pois com a formação que tive pude obter um olhar crítico no que diz respeito ao planejamento de aula, pois cada planejamento é pensado e realizado de acordo com o desenvolvimento de cada aluno, que a cada planejamento posso estar pensando no individual de cada aluno,

procurando a cada dia aperfeiçoar minha prática, na busca de formar cidadãos críticos e capazes, melhores cidadãos na sociedade.

OS MÉTODOS E SUA CONTRIBUIÇÃO PARA EDUCAÇÃO

A história dos métodos de alfabetização nos anos iniciais no Brasil tem gerado complexas implicações para o mesmo problema, a dificuldade das crianças em ler e escrever.

Todos esses métodos tiveram grande contribuição para o desenvolvimento da educação no Brasil, visando enfrentar esse problema e auxiliar os novos, essas disputas em relação aos métodos de alfabetização vem gerando uma multiplicidade de tematizações, normatizações e concretizações, caracterizando como um importante aspecto dentre os muitos envolvidos no complexo movimento da alfabetização brasileira. Para alguns estudiosos a educação no Brasil está dividido em três grandes períodos ou momentos.

Segundo Araújo (1996), o primeiro período inclui a antiguidade e a idade média, no qual predominava o método da soletração; o segundo, veio como crítica ao método da soletração e se estendeu até as décadas de 1960; métodos sintéticos e analíticos: o método sintético partia-se da parte para o todo, era ensinado o nome das letras (fônico) e da silabação, depois as palavras, frases e textos, esse método, está baseado nos conceitos tradicionalistas subordinadas as questões de ordem linguística da época.

O método analítico teve início a partir de 1890 no estado de São Paulo. Esse método diferente do sintético, parte do todo para a parte, baseando-se no processo de palavração e sentencição.

O terceiro iniciou-se em meados da década de 1980, com a divulgação da teoria da psicogênese da língua escrita, visando desenvolver apenas a função social da escrita em detrimento dos conhecimentos específicos indispensáveis ao domínio da leitura e da escrita, que ficam dissolutos ao processo.

Porém, o quarto momento conhecido como desmetodização, não um método, mas sim como uma teoria, a teoria construtivista, com base nos estudos de Emília Ferreiro influenciado pelas teorias de Piaget e Vygotsky, ganhando destaque a partir da década de 1980. Essa teoria valoriza o conhecimento da criança no desenvolvimento educacional,

essa desmetodização surgiu a partir dos índices elevados de analfabetos, implicando no fracasso escolar.

A escola construtivista não trabalha com receita pronta, e sim busca estratégias que possam desenvolver a autonomia da criança em busca de novos conhecimentos. Nesse sentido o aluno deixa de ser visto como mero receptor de conhecimento e sim como participante da construção de sua estrutura cognitiva.

Para Ferrari (2011), o professor que entra em uma sala de aula para ministrar os conteúdos curriculares com base nessa teoria, deve levar como base o respeito à evolução no processo de aprendizagem de cada criança, entendendo que cada um tem seu tempo de acomodação e assimilação do conhecimento, pois cada um traz dentro de si um conhecimento prévio (hipótese), que precisa ser respeitado, resgatado e que necessita ser aproveitado no processo formal do ensino-aprendizagem.

Ao analisar o histórico desses métodos e da teoria construtivista, pode-se observar que todos eles tiveram uma grande contribuição no ensino no Brasil, porém, não podemos deixar de ressaltar que, alguns deles tiveram mais pontos negativos do que positivos na história da educação.

Nesse sentido se cada um fizer uma retrospectiva de como foi alfabetizado, percebe-se que foram utilizados um pouco de cada um, para a sua alfabetização, sendo possível destacar aquilo que marcou durante o período que foi alfabetizado, o que podemos melhorar agora com alfabetizadores?

Essa análise dever-se-ia ser feita por todos os professores que procuram inovar e seguir a teoria construtivista, pois ficar seguindo algo que dizem que deu certo a décadas e séculos atrás, jamais mudará este quadro tão debatido no país, que é a erradicação do analfabetismo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Escrever este memorial, permitiu-me algumas reflexões acerca da trajetória da minha alfabetização até o ensino superior, bem como a minha prática docente. Em alguns momentos senti dificuldades, insegurança e receio de voltar ao tempo e reviver tantas emoções através das experiências vividas, resgatando as lembranças do passado emaranhados com o presente e entrelaçados com o futuro.

Considero que este memorial voltado para a minha alfabetização e para a minha prática docente é uma forma de registrar essa prática que está sempre mudando. São lembranças repletas de acontecimentos, pessoais ou não, vividos por cada um, lembranças essas que jamais podem cair no esquecimento.

A realização deste trabalho, para mim não foi muito difícil de organizar, apesar de não trazer apenas lembranças boas, é um trabalho que dar asas à imaginação, recordar cada detalhe vivido, é como se fosse um filme que passasse em nossa mente nos mínimos detalhes.

Agora meu principal objetivo neste momento é caminhar para a conclusão da especialização, aperfeiçoando cada vez mais para a área da educação.

Pois fazer essa especialização na área de alfabetização e letramento, foi um privilégio que poucos que trabalham nessa área como alfabetizador tem. Esse curso veio no momento certo, enriquecendo mais o conhecimento que adquiri na graduação.

Com essa nova bagagem de conhecimentos, retornei ao meu trabalho com um olhar diferente para algumas questões pertinentes, encontradas no dia a dia que muitas vezes os alunos, ou até mesmo nós professores passavam como mal alfabetizadores. E com toda essa análise reflexiva, estou conseguindo desenvolver um trabalho mais compreensivo, voltado para a área de alfabetização.

Claro, não deixando de se citar meu grande sonho, ser uma professora concursada, para cumprir os meus deveres, mas também fazer uso dos meus direitos como funcionária pública. Espero confiante por essa oportunidade de fazer um concurso público pelo município de Uruará, município o qual me criei, casei, tive meus filhos, me formei e com fé em Deus serei uma professora concursada, para continuar trabalhando, fazendo sempre o que estiver ao meu alcance nesta área da educação.

Através de todos os conhecimentos adquiridos durante esses anos e com a realização deste memorial, aprendi a refletir mais sobre minhas ações, rever minhas atitudes tanto pessoais quanto profissionais, buscando melhorar cada vez mais. Como diz Freire (1993 p. 87) “Ninguém nasce feito. Vamos nos fazendo aos poucos na prática”. E quanto isso, eu sou a prova viva disso!

REFERÊNCIAS

- ARAÚJO, M. C. de C.S. **Perspectiva histórica da alfabetização**. Viçosa: Universidade Federal de Viçosa. 1996.
- CAGLIARI, Luiz Carlos. **Alfabetizando sem o ba-be-bi-bo-bu**. São Paulo: Scipione, 1998. – (Pensamento e ação do magistério)
- FERRARI, Márcio. **Educação Pública – Biblioteca - Educação**. 01 jul. 2011. Disponível em: <https://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/educacao/0394.html>. Acesso em: 24 de abril. 2020.
- FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler**: em três artigos que se completam. 32. Ed. São Paulo: Cortez, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Cortez, 2006.
- FREIRE, Paulo. **Política e educação**. São Paulo: Cortez editora, 1993.
- MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 11, ed. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: UNESCO, 2006.
- MORTATTI, M. R. L. **A história dos métodos da alfabetização no Brasil**. São Paulo – 2000.
- NOVOA, A. **Profissão Professor**. Portugal: Porto 1999.
- SOARES, Magda. **Alfabetização e letramento**. Ed. São Paulo: Contexto, 2001.
- URUARÁ, Câmara Municipal de. Lei nº449/2011, de 26 de dezembro de 2011. Uruará Pará, 2011.